

Considerações finais

A conclusão de um estudo como o nosso deveria trazer, em certa medida, a definição de um “sistema Michel Foucault”. Certamente Foucault não produziu um sistema filosófico, mas o percurso de livros publicados sob o nome Michel Foucault nos remete a um trabalho articulado em permanente reflexão metodológica. É preciso, portanto, procurar qual movimento – e não qual sujeito – conduz esse projeto filosófico considerando que trata-se explicitamente de um exercício de desprender-se de si mesmo.

Vimos que todas as questões de aplicação metodológica das ferramentas de Foucault se desenrolam em um campo vasto de uma Investigação histórico-filosófica. Nesse campo de análise, sempre problemático, da experiência filosófica, sua tarefa e sua posição são resumidos no esclarecedor prefácio de *L’usage des Plaisirs*.

Existem momentos na vida em que a questão de saber se pode pensar diferentemente do que se pensa, e perceber diferentemente do que se vê, é indispensável para continuar a olhar ou a refletir. (...) o que é filosofia hoje em dia – quero dizer a atividade filosófica – senão o trabalho crítico do pensamento sobre o próprio pensamento? Se não consistir em tentar saber de que maneira e até onde é possível pensar diferentemente em vez de se legitimar o que já se sabe.¹

É a noção de pensar de outro modo (*autrement*) que nos parece ser aqui a palavra-chave. Através dessa palavra se traçam os limites entre as diferentes dimensões de análise do projeto de Foucault. Tanto em *História da loucura*, onde uma nova possibilidade de razão se inscreve, quanto em *As palavras e as coisas*, onde os dispositivos epistêmicos são desenhados, nos acordando do sono antropológico; ou mesmo quando a idéia habitual de poder é posta em questão em *Vigiar e punir*.

Os aspectos filosóficos desse gesto de introdução e produção de um pensar de outro modo podem se resumir em uma tarefa crítica. Kant estabeleceu seu edifício crítico em oposição às verdades metafísicas eternas e dogmáticas, Foucault define seu

¹ FOUCAULT, M. *L’usage des Plaisirs*, p. 14-15.

projeto sob a orientação crítica. Para Foucault essa crítica implica sempre uma luta contra o humanismo como uma idéia predominante no pensamento Europeu. É, portanto uma idéia equivocada ver o tema do sujeito, nos últimos livros de Foucault, como um retorno ao humanismo. Os humanismos são para Foucault os julgamentos de valor ligados a idéias religiosas, políticas ou científicas, eles não têm consistência própria; são secundários e superficiais.

O traço mais importante desse despertar do sono antropológico é a modificação da nossa relação com os limites e as fronteiras. São de início os limites pressupostos das ciências, dos saberes, mas também de nossas condutas. Se para Kant a crítica da razão pura significava a compreensão dos limites do nosso conhecimento, para Foucault é a possibilidade mesma de transpor que importa. Isso implica em uma reformulação das questões kantianas em uma outra série de questões. Portanto, é uma compreensão inteiramente outra dos limites.

Para o gesto de pensar um outro pensamento (*autrement*), ele delimita ainda no prefácio de *O Uso dos Prazeres*, duas instâncias: O momento de se desprender de si mesmo e o momento de explorar, o que, no nosso próprio pensamento, pode ser mudado por meio de um trabalho sobre si; que constitui uma tarefa paradoxal e difícil. Essas duas modalidades de trabalho se encontram no âmbito de uma Ontologia Crítica do Presente. Essa ontologia não-metafísica anula toda pretensão universal de dirigir os outros. Cada um deve tornar-se maior e, portanto agir tomando suas próprias responsabilidades e seus próprios riscos; as condições de ação não são nunca apodíticas, mas sempre problemáticas. Esta ontologia deve ser considerada como uma atitude com relação à vida, como um *ethos filosófico* e não como uma doutrina. A dimensão ética não consiste em uma moral com regras pré-estabelecidas, mas a possibilidade de criar sua própria vida, de fazer da sua existência uma obra de arte.

Nossa experiência do mundo, dos outros e de nós mesmos é sempre limitada e parcial e isso parece impedir que a questão da verdade possa se colocar novamente. Mas paradoxalmente ela se impõe. Foucault não abandona a questão da verdade, mas ela aparece redimensionada ao logo de seu projeto filosófico e nesse mesmo movimento uma nova concepção de razão se introduz. Todos os nossos esforços para

saber sobre as coisas ou para utilizar as palavras são frágeis; todas as nossas tentativas de resistência são precárias, mas paradoxalmente na junção desses esforços, algo de novo de produz. É finalmente “um trabalho paciente que dá forma à impaciência da liberdade”²; é nessa investigação que se efetiva, a cada, vez, em uma ambiente histórico concreto, que encontra-se finalmente sua maturidade e, talvez com ela a possibilidade da criação de si. Vemos, então, que a Ontologia crítica do presente proposta por Foucault, seu *ethos* de transgressão e estética da existência está certamente muito mais perto da noção de Nietzsche de uma transvaloração dos valores do que a noção de maturidade (*mundigkeit*) de Kant.

² FOUCAULT, M. *What's the Enlightenment?* , p. 43.